



ÉDHILA ASSUNÇÃO PINHEIRO
MARIA LUIZA CORREA PONTALTI
YASMIN LARISSA SPRICIGO

ORIENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DE UMUARAMA

Umuarama, PR
2022

ÉDHILA ASSUNÇÃO PINHEIRO

MARIA LUIZA CORREA PONTALTI

YASMIN LARISSA SPRICIGO

ORIENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DE UMUARAMA

Projeto de Intervenção apresentado ao Curso de Medicina da Universidade Paranaense, como requisito parcial para aprovação no Estágio Supervisionado em Saúde da Família e Comunidade I/Saúde Coletiva I.

Orientadora: Elizabeti de Matos Massambani

Umuarama, PR
2022

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, em primeiro lugar pelas nossas vidas, por nos dar força e coragem, por nos ajudar a superar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso e estar sempre presente em nossas vidas.

Aos nossos pais, através do amor incondicional, paciência e pelo auxílio em todas as dificuldades. Aos nossos familiares, que sempre acreditaram em nosso potencial e que nos incentivaram nos momentos difíceis compreendendo nossa ausência enquanto nós, nos dedicávamos ao estudo.

Aos nossos amigos, aos professores e mestres, pelas correções, conselhos e ensinamentos que nos permitiram a ter um melhor desempenho e aproveitamento no processo de formação profissional.

Gratidão à nossa orientadora Elizabeti de Matos Massambani, por todo apoio recebido e por depositar em nós tamanho incentivo, nos auxiliando nas correções e direções a serem tomadas.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.” (Paulo Freire)

PINHEIRO, Édihila Assunção; PONTALTI, Maria Luiza Correa; SPRICIGO, Yasmin Larissa. **Orientações sobre educação sexual em escolas públicas de Umuarama.** Orientadora: Elizabeti de Matos Massambani. 2022. 25 f. Projeto de Intervenção (Curso de Graduação em Medicina) - Universidade Paranaense, Umuarama, 2022.

RESUMO

A sexualidade foi e ainda é um assunto polêmico, pouco abordado nas escolas do Brasil. Durante muito tempo, pouco se falava sobre esse assunto nos ambientes escolares e até mesmo em casa, junto aos familiares. O aumento dos números de abuso de vulnerável, gestação na adolescência e desinformação sobre infecções sexualmente transmissíveis, mostram a necessidade de transmitir essas informações a crianças, jovens e adolescentes, de forma natural, sem tabus e preconceitos. O objetivo geral deste projeto de intervenção é descrever a experiência de construção e aplicação de uma proposta de estratégias no campo da educação sexual. A educação sexual é uma questão de saúde pública e ensino básico, visto que ainda é um tabu e que muitas famílias preferem não conversar sobre o assunto, percebe-se o quanto é necessário superar essa realidade, para que escolas e famílias possam trabalhar juntos nesse processo. Equipe multidisciplinar e acadêmicos da área da saúde atuarão com palestras e informações sobre os temas.

Palavras-chave: Ambiente escolar, Educação sexual, Gravidez na adolescência, Infecções sexualmente transmissíveis (IST's), Sexualidade.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma para as etapas das ações.....	22
---	----

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	JUSTIFICATIVA	12
3.	OBJETIVOS	13
3.1	OBJETIVO GERAL	13
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
4.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
5.	METODOLOGIA	18
5.1.	LOCAL DA INTERVENÇÃO	19
5.2.	SUJEITOS DA INTERVENÇÃO	19
5.3.	ESTRATÉGIAS E AÇÕES	19
5.4.	MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO	20
6.	RESULTADOS ESPERADOS	21
7.	CRONOGRAMA	22
8.	VIABILIDADE E RECURSOS NECESSÁRIOS	22
	REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

A educação sexual ainda é um tabu entre a sociedade brasileira. O processo de aprendizado sobre a sexualidade ocorre de diferentes formas, inicialmente tendo a família como referência e a partir das relações com o ambiente. Ela pode acontecer também na prática pedagógica, nas escolas e instituições sociais (FURLANETTO, 2018). Ao longo do tempo ela vai se formando a partir das relações com a sociedade, com o ambiente em que convive, com as instituições em que frequenta e com as amizades que se relaciona.

Entende-se como educação sexual o processo que visa proporcionar o conhecimento e esclarecer dúvidas sobre temas relacionados à sexualidade, que se trata da atração física e afetiva que se sente por outras pessoas. Esse processo é construído ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, influenciado por aprendizagens e experiências sociais e culturais (FURLANETTO, 2018).

É importante ressaltar a diferença entre orientação sexual, sexualidade e sexo. A sexualidade é algo inato em todos os seres vivos, algo que evolui conforme as transformações naturais de crescimento e amadurecimento do corpo. Quando falamos de sexo, podemos estar classificando entre macho e fêmea baseado em suas genitálias ou se referindo ao ato sexual. Para Rios e Piovesan (2001), a orientação sexual é definida como a identidade que se atribui em alguém em função da sua atração sexual.

A importância da educação sobre a sexualidade está relacionada à prevenção de diversas situações indesejadas, como infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez na adolescência e experiências sexuais traumáticas, englobando também conhecimentos sobre corpo, saúde, bem-estar, autoproteção, identidade, sentimentos, consentimento, responsabilidade, projeto de vida e inclusão, considerando todas as diversidades. Ainda segundo Rios e Piovesan (2001), o contexto da educação sexual não visa o estímulo da prática de ato sexual em si, nem que haja identificação com algum gênero ou orientação sexual.

O papel das escolas neste contexto é muito importante, pois por ser um tema que ainda gera mitos, tabus e constrangimentos para pais e professores, muitos jovens não recebem informações importantes em casa para prevenção de ISTs, conhecimento sobre o corpo e gravidez. Por isso, deve ser defendida a abordagem

da educação sexual nas escolas, para que adolescentes e jovens entendam que sexualidade é parte natural da vida e da nossa vivência social. Por esta razão, a escola deveria oferecer as informações necessárias de forma coerente, direcionando o assunto como uma abordagem educativa para esses jovens e proporcionando conceitos para a formação de pessoas de valores (FURLANETTO, 2018).

Percebe-se ainda que muitas vezes há uma deficiência no diálogo em casa entre pais e filhos sobre a educação sexual, por pensarem que essa conversa incentiva o ato em si, porém a criação de certos hábitos saudáveis, noções de cuidado com a saúde e com o próprio corpo devem ser incentivadas desde a infância. Por essa razão, há uma necessidade da educação sexual tanto em casa, quanto nas escolas, onde serão esclarecidas e repassadas informações para crianças, jovens e adolescentes sem tabus e sem preconceitos sobre sexo e sexualidade, fazendo com que eles criem responsabilidade no cuidado e conhecimento do próprio corpo, ficando atento no combate à violência sexual (ALVES, 2021).

A violência sexual infantil pode ocorrer de diversas formas. Segundo Sanchez *et al.* (2019), é definida como qualquer ato sexual ou erótico o qual a criança não consente ou não compreende por sua imaturidade física, social e sexual. Devido a essa imaturidade, muitas vezes a vítima sequer compreende o ato como uma violação do seu corpo, portanto a forma mais efetiva de combater esses crimes é apresentar métodos de ensino adequados para cada faixa etária com objetivo de deixar claro a diferença entre um toque normal ou um ato abusivo.

A gravidez na adolescência tornou-se um problema de saúde pública no país, sendo que em 2018, 19,25% dos partos foram de mães adolescentes (SANCHES, 2019). Frente aos problemas expostos, este projeto tem como objetivo criar materiais e estratégias que facilitem a aplicação da educação sexual nas escolas de Umuarama através de cartilhas, redes sociais e palestras, preparando jovens e adolescentes para a vida sexual de forma segura, sanando dúvidas sobre sexualidade e incentivando na responsabilidade do cuidado em relação ao seu próprio corpo para que não ocorram situações futuras indesejadas, tais como gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis.

2. JUSTIFICATIVA

O tema abordado em questão, é uma problemática atemporal que atualmente vem sendo mais abordado em vários aspectos distintos. A importância da introdução da educação sexual nas escolas é elucidada em números. Conforme Cabral (2019) da agência de notícias do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), estimou-se que a cada 1000 gestações, 59 são mulheres entre 15 e 19 anos no Brasil, números estes que estão em queda comparado aos anos anteriores. A região Sul do país é responsável por 11% dessas mulheres.

Rememorando outra consequência, a violência sexual teve aumento significativo no número de denúncias, classificando-se como um problema de saúde pública. A educação sexual também é importante para prevenir não somente uma gestação indesejada, mas também prevenir IST's e abusos sexuais, pois a criança conhecendo o próprio corpo e locais que não deva ser tocada por outras pessoas, sentir-se-á segura para relatarem fatos de tentativas de contato inapropriados para pessoas de sua confiança. Segundo Kristensen; Oliveira & Flores (1999), a maioria dos abusos sexuais em crianças ocorrem em suas próprias residências, sendo o infrator um elemento próximo do círculo social. A maior dificuldade nesses casos é a dificuldade da vítima em identificar o ato como ilícito pela inocência inerente na infância, além do desconhecimento do seu próprio corpo (SANCHEZ, 2019), o que vem reforçar a importância e a magnitude do assunto, concernente à tal questão.

No município de Umuarama, atualmente, existem 12.987 alunos matriculados no ensino fundamental, 3.859 no ensino médio sendo comportados em 76 escolas distribuídas pela cidade, de acordo com pesquisa IBGE (2021). Este projeto visa alcançar o maior número possível de instituições, a fim de tornar possível o uso da educação sexual neste meio.

Haja visto os pontos elencados, somado a ciência prévia que ainda existe dificuldade e deficiência de informação sobre o assunto nas escolas do município, a aplicação do projeto atenderia um público-alvo de grande número, podendo assim trazer maior qualidade de vida para crianças e adolescentes Umuaramenses, além de informações sobre saúde e segurança do seu próprio corpo.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Propor estratégias de orientações sobre educação sexual nas escolas públicas estaduais de Umuarama.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Expor sobre as principais ISTs e seus riscos;
- Discutir a responsabilidade frente a uma gravidez precoce;
- Discutir sobre a violência sexual;
- Motivar o aluno a assumir responsabilidade, respeito e empatia ao próximo, independentemente do seu estado de saúde ou orientação sexual;
- Elaborar materiais educativos como cartilhas e informações apresentadas nas mídias sociais;
- Compreender a percepção de jovens e adolescentes sobre educação sexual realizada em escolas;
- Estimular os adolescentes a buscarem informações sobre a importância da prevenção de ISTS, gravidez na adolescência e violência sexual.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. DEFINIÇÃO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação sexual envolve tudo sobre o entendimento do corpo, ou seja, entender sobre sua saúde, sobre cuidados com a higiene, anatomia e suas doenças, e abordar como algumas doenças podem ser transmitidas através de contato sexual e ter o entendimento de como ocorre a gestação.

A sexualidade de acordo com a OMS citado por Matoso (2013) é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de relação sexual, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato, intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental é considerada um direito humano fundamental.

A educação sexual teve início no século XX com foco em relação a controles epidemiológicos. As estratégias utilizadas eram da repressão, sendo baseada nos pressupostos moral e religioso para reforçar o caráter de higiene.

Segundo Bueno e Ribeiro (2018), em 1930 ocorreu a primeira tentativa no Brasil para inserção da educação sexual no currículo escola foi no Rio de Janeiro no Colégio Batista, com iniciativas conjuntas de educadores e médicos que defendiam como aspecto biologizante, pois tinha uma preocupação para higienização das pessoas.

Durante muito tempo as escolas não puderam desenvolver o direito de estudo sobre a educação sexual, pois o direito formalizado em 1976, relatava que esse assunto era concernente somente a família.

No Brasil a educação sexual foi incorporada às escolas através do Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em 1998, desde o ciclo I do ensino fundamental. Esse documento tem por objetivo desenvolver e realizar sua sexualidade de maneira prazerosa, saudável e responsável. Além disso, deve ser aplicado de maneira transversal. Na área da saúde obteve espaço a partir de políticas públicas norteadas pela Lei orgânica da saúde (lei n. 8.080, de 1990).

4.2. PRINCIPAIS ISTs, RISCOS E PREVENÇÃO

A adolescência é uma fase difícil do desenvolvimento, pois desencadeia

mudanças no corpo e alterações no comportamento que nem sempre são fáceis de lidar. Nessa fase se iniciam os desejos sexuais e curiosidades em relação ao corpo e relações sexuais, ou seja, é uma fase de descobertas. Por isso, nesse momento é importante que os professores das escolas estejam prontos para abordar o assunto sobre a educação sexual de maneira responsável, informativa e sem nenhum tabu, pois mesmo com muitas informações sobre o assunto alguns alunos não têm acesso nem conhecimento sobre as informações reais, IST's e suas formas de transmissão, ficando expostas as situações de risco.

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) são decorrentes de mais de 30 bactérias, vírus e parasitas diferentes que podem ser transmitidos na hora da relação sexual. Algumas ISTs não apresentam sintomas, já outras podem ocasionar indícios específicos. Tais infecções são de fácil transmissão enquanto outras apresentam uma taxa de infecção bem menor, portanto, não são em todos os casos que a pessoa pode adoecer.

De acordo com GENZ *et al.* (2017), os adolescentes podem estar vulneráveis às ISTs, pelo uso inadequado ou pelo não conhecimento dos métodos de proteção, sendo considerado um problema de saúde pública mundial, inclusive no Brasil.

Com base nos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) Miranda *et al.* (2021) apresenta uma estimativa que aponta a incidência de 376,4 milhões de casos de ISTs curáveis pelo mundo todo em 2016, abrangendo pessoas de 16 a 49 anos. Devido às estatísticas, foi criada uma estratégia global de prevenção para erradicar as infecções até 2030. As principais vertentes são concentração de esforços na resistência antimicrobiana do *gonococo*, reinfeção da Clamídia, redução da sífilis congênita através de testagem e tratamento das gestantes, além da imunização contra o papilomavírus humano (HPV) para eliminação do câncer do colo do útero.

É importante ressaltar que durante a fase do ensino médio muitos estudantes iniciam sua vida sexual e tem a visão distorcida de que sexo sem preservativo é um sinal de confiança no parceiro, e segundo Rizzon *et al.* (2020), em seu estudo transversal pode observar que 84,3% na faixa etária entre 14 e 16 anos tiveram a sexarca, assim como 63,2% dos jovens que não usaram preservativo na primeira relação também não fizeram na última, sendo este um dado importante.

Outrora, é de conhecimento público que as ISTs causam vários danos à saúde tanto do homem quanto da mulher. As infecções mais comuns são clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase, que atingem uma a cada 25 pessoas. Além dos

sintomas mais conhecidos como verrugas e lesões na região dos órgãos genitais, é de grande denotação casos de câncer de colo de útero causados pelo HPV e a infertilidade permanente, sendo causada por qualquer das infecções. Por isso, antes de pensar em tratamentos realizados, uso de antibióticos e vacinas, é preciso um trabalho de educação bem estruturado, em conjunto com as escolas, estudantes da área da saúde e familiares, com base não somente na AIDS, mas também em todas as ISTs principalmente aquelas com potencial para induzir a malignidade, como HPV, Hepatite B e Hepatite C e aquelas com complicações importantes como as infecções por *Neisseria gonorrhoeae* e *Chlamydia trachomatis* (ALVES *et al.*, 2021).

Sendo assim, é importante orientar a prevenção desses adolescentes e jovens, incentivando o uso de preservativos, se vacinar contra o HPV e Hepatite, fazer exames periódicos e em caso de suspeita, procurar um profissional o quanto antes.

4.3. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA SEXUAL

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2012), a adolescência é definida por um período que compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade, fase marcada pelo início da puberdade, período de mudanças fisiológicas, hormonais e de desenvolvimento da personalidade, que pode ser definida como sendo a etapa da vida entre a infância e a idade adulta; nela, acontecem processos com modificações de crescimento e de amadurecimento biopsicossocial, em que o indivíduo se transforma física e emocionalmente e onde ocorre também o início da vida sexual (ALVES *et al.*, 2021).

Nesse momento, é importante iniciar o processo de educação sexual, através de informações sobre o sexo seguro e protegido, prevenção de ISTs, gravidez na adolescência, entre outros assuntos. De acordo com Sanches *et al.* (2018), quem compete o papel de educar neste momento, leva a crer que são responsáveis formando uma tríade: escola, família e profissionais de saúde.

Um assunto importante a ser discutido, é a prevenção da gravidez na adolescência, haja vista ela se inicia com a educação sexual, tanto em casa, quanto nas escolas. A maioria dos adolescentes conhecem poucas formas de prevenir a gravidez, não demonstrando domínio do funcionamento dos métodos existentes. Por isso, se faz necessário uma educação sexual de forma ampla, com diálogos, discussões, dúvidas, explicações sobre métodos contraceptivos e prevenção de ISTs,

tanto na escola, quanto no âmbito familiar (ALVES *et al.*, 2021).

Os estímulos hormonais, o início da menarca, a pressão social, a falta de diálogo em casa e a curiosidade destes jovens, são alguns fatores que contribuem para a atividade sexual precoce, despreparada e desprotegida, que pode resultar em uma gravidez inoportuna ou não desejada (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 27,5% dos escolares do nono ano do ensino fundamental, do sexo feminino, já iniciaram a atividade sexual. Por isso, a importância de um ambiente acolhedor e educativo sobre sexualidade e gênero tanto na família, como na escola e com os profissionais de saúde.

Diante desse cenário, a educação sexual desde a infância é imprescindível para conter o avanço da gravidez de adolescentes. Posto isto, a sexualidade deve ser trabalhada desde a infância, com orientações e esclarecimento de dúvidas, de acordo com a fase em que a criança e/ou adolescente está vivendo, trabalhando dimensões psicológicas e sociais que envolvam amor, respeito, afeto, compreensão, entre outros. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2010), uma gestação nessa fase é de alto risco, podendo apresentar complicações tanto na saúde da mãe quanto dos neonatais, determinando assim um aumento no índice da mortalidade materna e infantil. Além disso, pode causar problemas como evasão escolar, rejeição familiar, não adesão ao pré-natal adequado, distúrbios emocionais, entre outros, visto que as características biológicas, emocionais e fisiológicas, apresentam maior tendência para complicações gerais nesta faixa etária, tais como a dificuldade em retornar aos estudos, alimentando então um ciclo vicioso relacionado a falta de oportunidade de trabalho e pobreza. Frente a esta realidade, a educação sexual se torna um importante arma para prevenção.

Em uma revisão de Schimitt *et al.* (2018), foi sugerido que educação sexual somada a métodos contraceptivos acessíveis e planejamento familiar, reduz o número de gestantes adolescentes.

5. METODOLOGIA

A metodologia a ser implementada neste projeto será focada em um público-

alvo entre pré-adolescentes e adolescentes entre 10 e 16 anos do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio que estão inseridos dentro das escolas públicas da cidade de Umuarama-PR, por um período inicial de 1(um) ano, porém, espera-se que esse projeto vire rotina e se estenda durante por todo ano letivo. De início será selecionada uma escola para aplicar um projeto piloto deste Projeto de intervenção.

Ao iniciar o projeto será realizada uma conversa com os professores que serão incentivados a discutir juntamente com alunos sobre temas relacionados à sexualidade, conhecimento do próprio corpo, transmissão de IST's, prevenção da violência e gravidez não planejada. Os acadêmicos da área da saúde atuarão com palestras e informações, sendo necessário que essa prática pedagógica inclua a participação ativa de toda comunidade escolar de maneira integral, respeitando e analisando em conjunto o que é importante para o aprendizado dos estudantes.

A realização dessas atividades nas escolas, deverá abordar questões como: conhecimento do corpo, informações sobre os órgãos sexuais e seu funcionamento, prevenção de ISTs, gravidez na adolescência, prevenção de violência, respeito, a importância do autocuidado, entre outros. Todas as informações serão passadas com responsabilidade social e técnica, dentro de uma perspectiva democrática e participativa. O processo de educar é um desafio constante, por isso, o primeiro passo será orientar os professores, pais e/ou responsáveis para que se sintam preparados e possam dar início a seus projetos e ações. Com isso, espera-se também envolver pais e familiares dos alunos para fortalecimento das atividades.

Para que o projeto dê prosseguimento será utilizado materiais produzidos pelos acadêmicos do curso de medicina e demais áreas da saúde, que terão por base literaturas científicas e informações fundamentadas, entretanto, facilitadas e adaptadas para uma linguagem acessível dentro do meio escolar e de acordo com a faixa etária escolhida. Tais materiais consistirão em cartilhas/folders ilustrativos, palestras e rodas de conversas envolvendo professores, psicólogos, acadêmicos da área da saúde que posteriormente repassarão aos alunos das escolas promovendo discussão dos temas. A fim de que abranja um maior número de alunos e seja acessível o entendimento, será realizado um estudo de campo por meio de informações repassadas por professores que lecionam nas turmas e nas escolas escolhidas, proporcionando assim, um mapeamento dos perfis e hábitos cotidianos dos estudantes que frequentam aquele ambiente.

Para ser possível a produção de todo material, confecção de cartilhas e banners de conscientização será solicitado a Prefeitura Municipal uma verba destinada a tais campanhas. Os materiais também poderão ser disponibilizados nas plataformas digitais utilizadas pelos alunos para que possam ter acesso quando estiverem on-line.

5.1. LOCAL DA INTERVENÇÃO

Escolas da rede pública do município de Umuarama - Paraná, que ofertam ensino do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. As escolas escolhidas deverão se enquadrar nas necessidades do tema proposto, escolhidas em conjunto e de acordo com a Secretaria da Educação do Município. A princípio será aplicado este Projeto de Intervenção como projeto piloto em uma escola selecionada, para nos anos subsequentes aplicá-lo nas demais escolas públicas que se adequarem ao perfil.

5.2. SUJEITOS DA INTERVENÇÃO

O projeto envolverá alunos entre 10 e 16 anos que estudam nas escolas públicas estaduais de Umuarama-PR, ressaltando a princípio, a execução do projeto piloto.

5.3. ESTRATÉGIAS E AÇÕES

Se a discussão está em torno do desejo de mudança na realidade da educação do nosso país e acreditando que a escola possa exercer uma função mais integradora, a sexualidade não pode ficar de fora dessa discussão, pois a escola, enquanto espaço social que reúne diariamente um determinado número de crianças e adolescentes, com interação social e afetiva já estabelecida, facilita o desenvolvimento de um trabalho e sua continuidade. Além disso, a escola desempenha um papel importante na educação, desde o bem-estar, à saúde, o binômio ensino-aprendizagem e à cidadania que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto.

A educação sexual na esfera escolar, deve constituir processos de ensinamento, mudança e transformação. Deve-se falar do assunto com naturalidade, utilizando práticas pedagógicas, palestras, uso de recursos instrucionais, cartilhas, atividades informativas em grupo, entre outros recursos, permitindo mais espaço às

discussões e reflexões sobre os temas abordados.

5.4. MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

A monitorização do projeto será em conjunto com as Secretarias de Educação e de Saúde do próprio município. Os resultados serão apresentados/acompanhados pela própria estatística do município de Umuarama, direcionada ao público-alvo, informando se houve diminuição do número de casos de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis, diminuição nos casos de gravidez na adolescência, aumento de denúncias de violência sexual, entre outros objetivos abordados pelo tema proposto. Para monitorar a percepção do público-alvo sobre o conhecimento dos temas abordados, pode-se realizar um questionário padrão a ser aplicado antes de iniciar o projeto e o mesmo questionário ao final do ano para avaliar a evolução do conhecimento a respeito dos temas.

6. RESULTADOS ESPERADOS

Inicialmente, este projeto foi pensado para ser executado nas escolas públicas de Umuarama-PR durante o período de 1 ano, mas esperamos que sejam criados mecanismos na rotina dos educadores, profissionais e acadêmicos da área da saúde para que haja uma maior disseminação de informações sobre saúde sexual entre adolescentes e jovens na fase escolar.

Para que se tenha resultados efetivos e mudanças nos números estatísticos é importante o envolvimento de todas as partes, ou seja, só com a adesão e a consolidação do projeto, obter-se-á resultados positivos e desejados.

Espera-se que por meio desta iniciativa os alunos possam ter conhecimento e clareza sobre o tema proposto, aumentando então o número de uso consciente de preservativos, de métodos anticoncepcionais, assim como incentiva à prevenção de diversas situações indesejadas como as ISTs, gravidez na adolescência e experiências sexuais traumáticas.

Diante disso, reiteramos que nosso maior objetivo é preparar crianças e jovens com conhecimentos, atitudes, valores e habilidades, para se desenvolverem de forma saudável, obtendo relacionamentos sociais e sexuais respeitosos, empoderando-as no vivenciar da saúde, bem-estar, dignidade, assim como na garantia a proteção de seus direitos.

7. CRONOGRAMA

O cronograma para o desenvolvimento do projeto será adequado juntamente com os responsáveis, coordenadores e professores das instituições/escolas escolhidas previamente, com base na quantidade de alunos integrados na escola que se encaixam na faixa etária traçada e, durante o período letivo. De início, o tempo de intervenção total será de, aproximadamente 1 ano.

Tabela 1- Cronograma para as etapas das ações.

Atividade Proposta	Responsáveis	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Seleção das escolas	Secretaria de Educação Municipal e organizadores do projeto	X	X									
Elaboração de materiais de divulgação	Organizadores do projeto	X	X									
Visita às escolas escolhidas para divulgação das informações	Organizadores do projeto		X	X								
Elaboração de materiais educativos	Organizadores do projeto	X	X	X								
Palestras aos alunos, rodas de conversas e discussão dos temas	Equipe multidisciplinar, organizadores do projeto e demais acadêmicos da área da saúde				X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Autores do projeto

8. VIABILIDADE E RECURSOS NECESSÁRIOS

No tocante aos recursos de materiais, iremos realizar a elaboração de materiais educativos, projeção de slides com apresentações, palestras e rodas de conversas envolvendo professores, psicólogos e acadêmicos da área da saúde e palestras aos alunos das escolas com discussão dos temas relacionados. Serão necessárias folhas de papel Offset no formato A4 para confecção de cartilhas/folders ilustrativos, registros dos dados epidemiológicos armazenados e confecção de cartazes para as devidas divulgações nos murais dentro das escolas. Também será utilizada a divulgação dessas atividades aos alunos via plataformas *on-line*, pois essa será uma forma de diminuir os custos/despesas e o uso de papel contribuindo com os cuidados com o

meio ambiente.

O projeto deverá ser financiado pelo governo do município em que se implemente a ação. Estima-se a necessidade de 2400 folhas, sendo que cada resma com 500 folhas tem valor aproximado de R \$40,00, somando um investimento de R\$192,00. Para a impressão considera-se aproximadamente R \$1,50 por folha, totalizando R \$3.600 em impressões. Na divulgação serão utilizados posters, portanto um investimento aproximado de R \$2.000,00. Referente a apresentação do projeto, caso a escola não possua data show, será necessário que a Secretaria Municipal de Saúde disponibilize como consignação ou de forma adquirida um projetor, visto que é uma ferramenta de suma importância na apresentação e divulgação do projeto.

Por se tratar de um projeto de intervenção que contempla estratégias para a saúde de jovens e adolescentes, é imprescindível que o governo municipal através de suas secretarias tenha um olhar diferenciado, avaliando a possibilidade de implantá-lo anualmente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rayssa Stéfani Sousa *et al.* Gravidez na adolescência: Contribuições dos profissionais de saúde frente à educação sexual e reprodutiva. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e20010211282-e20010211282, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11282>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BUENO, Rita Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação sexual no Brasil: apontamentos para reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 29, n. 1, p. 49-56, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.41>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CABRAL, Umberlândia. **Agência IBGE notícias**. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias.html>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FURLANETTO, Milene Fontana *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053145084>. Acesso em: 20 mai. 2022

GENZZ, Niviane *et al.* Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>. Acesso em: 20 jul. 2022.

IBGE – Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Censo Demográfico** - Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/umuarama/panorama>. Acesso em: 22 jul. 2022.

KRISTENSEN, C. H., Oliveira, M. S., & Flores, R. Z. **Violência contra crianças e adolescentes** na grande Porto Alegre - Parte B: Pode piorar? In Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente - AMENCAR (Org.). *Violência doméstica* (pp. 104-117). Brasília: UNICEF. 1999

MATTOSO, Suelen *et al.* Roda de Conversa sobre sexualidade. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2014/11/sexualidade_roda-de-conversa.pdf . Acesso em: 20 junho de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Cuidando de adolescentes**: Orientações Básicas para a Saúde Sexual e a Saúde Reprodutiva, Brasília – DF. 2016. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidando_adolescentes_saude_sexual_reprodutiva.pdf. Acesso em: 20 jun.2022.

MIRANDA, Angélica Espinosa *et al.* Políticas públicas em infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100019.esp1>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2011,5 de Janeiro)

RIOS, Roger Raupp; PIOVESAN, Flávia. Na discriminação por gênero e por orientação sexual. Seminário Internacional – As Minorias e o Direito. **Série Cadernos do CEJ**, v. 24, p. 155-169, 2001. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/693_609_riosroger.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

RIZZON, Bruna Bazzi *et al.* Comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio. **Femina**. vol, v. 49, p. 52-57, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1146936>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SANCHES, Mário Antônio; PARTEKA, Larissa; SANCHES, Leide. Importância do profissional de saúde na educação sexual e parental. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 5, n. 10, p. 144-163, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/6647>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SCHMITT, G. M. S. *et al.* Consequências da gravidez na adolescência: uma sociedade conservadora. In: **Congresso Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 3., 2018, Anápolis. Anais [...]. Anápolis: UniEvangélica, 2018. p. 1099-1108. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v19n2/v19n2a05.pdf> . Acesso em 22 jun.2022.

SANCHES, Leide da Conceição *et al.* Violência sexual infantil no Brasil: uma questão de saúde pública. **Revista Iberoamericana de Bioética**, n. 9, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14422/rib.i09.y2019.003>. Acesso em: 20 jun. 2022.